Valor ECONÔMICO
Publicado em 05/06/2023 - 05:58

Petrobras tem condições de atender exigências do Ibama, afirma Prates

Entrevista CEO da Petrobras, Jean Paul Prates diz que pode atender órgão para atuar no Amazonas

'O novo Ibama é melhor, não sou eu que vou dizer que está fazendo mal ao país'

Kariny Leal, Fábio Couto e Francisco Góes
Do Rio

O presidente da Petrobras, Jean Paul Prates, diz que a empresa tem condições de atender às condicionantes apresentadas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (Ibama) para perfurar um poço na bacia da Foz do Amazonas. "A licença não deve ser dada a qualquer custo, mas é nosso dever recorrer. Estamos pedindo ao Ibama a retomada do licenciamento", disse Prates, em entrevista ao **Valor**.

O executivo afirmou que teve uma conversa de "ambientalista para ambientalista" com a ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, uma vez que ele possui mestrado em gestão ambiental: "Sei como é um licenciamento." Apesar dos esforços para poder perfurar um poço na Foz, Prates reconhece que a decisão sobre a atividade na região cabe ao Ibama e que o órgão pode manter o indeferimento, como já fez em maio.

A exploração da Margem Equatorial, onde se insere a Foz, é parte dos esforços da Petrobras para repor reservas. A exploração e produção de óleo continuará a ser prioritária na empresa, inclusive para financiar a transição energética para uma economia de baixo carbono. Na quinta-feira (14), a empresa divulgou diretrizes do plano estratégico 2024-2028, no qual sinaliza com o aumento de 6% para até 15% nos investimentos em descarbonização.

Perguntado se pretende estatizar a Braskem, Prates reagiu: "Não, que termo é esse?! Isso é governo Chávez [Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela]." A seguir os principais pontos da entrevista ao **Valor**:

Valor: *Um das prioridades da sua gestão até agora foi a política de preços dos combustíveis, que passou por mudanças em maio. No dia do anúncio, a reação do mercado foi positiva porque se entendeu que nada mudava a curto prazo. Mas a longo prazo ficaram dúvidas do que a Petrobras fará quando tiver que aumentar os preços.*

Jean Paul Prates: Acho que conseguimos explicar que o PPI [preço de paridade de importação] não faria sentido para uma empresa como a Petrobras. Ele podia ser até, aparentemente, bom mas estávamos perdendo participação de mercado. Já me perguntaram: 'E quando [o petróleo] subir?' Quando subir vai subir! Talvez não suba com a mesma rapidez e precisão do PPI, mas uma hora o preço vai subir ou alguém achava que Lula [o presidente Luiz Inácio Lula da Silva] ia se eleger e nós iamos entrar aqui e prometer que o preço nunca mais ia subir, só ia descer, não tem cabimento.

Valor: *A mudança na fórmula de cobrança do ICMS sobre a gasolina e o álcool e o retorno da cobrança do PIS/Cofins, em julho, vão testar a estratégia comercial da Petrobras?*

Prates: Não [não será teste] porque não é um fator que diz respeito ao petróleo, é uma tributação que existia e voltou. Então não nos faria mexer [no preço] a não ser que, por coincidência, outros ajustes possam ser cabíveis. Diferente seria se houvesse [alta] no preço do petróleo.

Valor: *Mas quando o preço sobe na bomba o entendimento do público tende a ser de que a Petrobras está aumentando mesmo que, nesse caso, seja efeito dos impostos.*

Prates: O mérito que temos é explicar de forma transparente [a nova sistemática] para as pessoas. Tivemos o cuidado de indicar qual pode ser a queda na bomba a partir da redução dos preços nas refinarias da Petrobras. É algo para forçar a cadeia produtiva a reduzir os preços, senão ela se apropria das margens e fica tudo igual. Quando anunciamos a revogação do PPI, entre aspas, tivemos cuidado de dizer que a expectativa era baixar tanto bomba porque tem mistura de gasolina, margem de distribuidora. Não vamos mandar no preço final, mas estamos dando uma estimativa. Mas não é tabelamento, quem tem que tomar conta disso é o Procom, os órgãos de defesa da concorrência, o consumidor. Com a estratégia comercial, estaremos próximos dos preços de referência, mas [o preço doméstico] vai oscilar menos.

Valor: *Houve críticas do mercado sobre falta de transparência.*

Prates: Por que tenho que dar transparência? Sabe como o McDonald's faz o preço do sanduíche? A cerveja da Brahma, sabe como é o preço? Preciso dizer quanto custa o litro de gasolina em cada região do Brasil? Usamos mais de 40 mil variáveis de uma plataforma que usa programação linear. Considera as refinarias, que óleo eu compro e em que volume de cada unidade, como faz a combinação de produtos e qual é a melhor logística para chegar em cada mercado, entre outros pontos. Mas o preço internacional [do petróleo] tem grande peso no modelo. Tem que haver um voto de confiança de que somos gestores responsáveis. Abrasileirar os preços não é nacionalizar os preços nem fazer tabelamento ou isolar [a Petrobras e o Brasil] do mundo. As pessoas entenderam que não é [algo] do mal, não é um governo que vai usar demagogicamente os preços de gasolina. Comprendo perfeitamente as cobranças e aceito, estou tentando lidar com a tranquilização que requer o pós trauma [resultante do envolvimento da Petrobras na Lava-Jato].

Valor: *A Petrobras divulgou premissas para o plano de negócios 2024-2028, indicando que pode ampliar investimentos em projetos de baixo carbono. É para valer?*

Prates: Ali envolve renováveis e sustentabilidade, além de negócios de descarbonização, que também inclui petróleo e gás. O investimento em projetos de baixo carbono [da Petrobras] é de 6% do capex e podemos evoluir até 15%. Com esse percentual, estaremos igualando, e até passando, o que as empresas americanas fazem [nessa área]. O percentual das [petroleiras] europeias é maior. A Petrobras perdeu dez anos sem transição energética. Antes da Lava-Jato, houve outras razões para afirmar que a Petrobras era empresa só de petróleo, o próprio pré-sal levou a gente mais ainda para isso. Depois teve outras questões, não era mais a Lava-Jato, mas crise política. Com Temer e Bolsonaro, a Petrobras se fecha de vez na ideia de ser só uma empresa de petróleo, de lucrar com o pré-sal e vender o resto [dos ativos].

Valor: *Mas o fato é que ainda vai precisar do petróleo para financiar a transição energética.*

Prates: Precisa dessa receita para financiar as renováveis. Tudo tem razoabilidade, ninguém vai sair fazendo mudanças radicais. A exploração e produção é o 'core business' da empresa. A transição energética de uma empresa de petróleo é duplamente desafiadora. Descarbonizar a Petrobras ou outra grande empresa do setor é mudar o produto que vende com o carro andando. Não é trocar o pneu com o carro andando, é transformar um carro em um avião com ele andando. Não posso negligenciar a reposição de reservas, tenho que estar produzindo petróleo ainda daqui a 40 anos. Talvez precise de um plano que olhe 30 anos à frente. Pensamos em fazer algo assim para o investidor perceber a direção estamos indo, uma vez que nossa tese principal é que queremos mais 70 anos, pelo menos, de Petrobras existindo, forte, sendo um bom veículo de investimento, ao contrário da gestão anterior que levava a companhia a, ocasionalmente, ser lucrativa para depois ser vendida.

Valor: *A aposta na Margem Equatorial busca justamente a reposição de reservas de petróleo.*

Prates: A Margem é formada por várias bacias sedimentares, do Rio Grande do Norte ao Amapá. É uma região que teve menos atenção no passado porque tudo estava voltado para o Sudeste [Campos e Santos]. Tem um horizonte [na Margem] e temos que ir atrás. Lá a questão sempre foi o licenciamento ambiental na bacia da Foz do Amazonas. Herdou-se essa situação de um bloco em que a Petrobras entrou e já tinha sido dado encaminhamento ao licenciamento, estamos tentando ver se conseguimos [a licença]. Se o Estado decidir que não deve ser explorado agora ou o poço não deve ser perfurado, não tem problema.

Valor: *Caberia ao governo decidir onde é mais interessante explorar naquela região?*

Prates: No governo anterior, tivemos o pedido de levar todos os equipamentos pra lá. Estamos tentando finalizar uma operação que começou a ser feita. A sonda, as aeronaves, helicópteros estão lá porque foi exigido um teste simulado real. O que estamos pedindo no recurso ao Ibama é que seja retomado o processo de licenciamento, que tenhamos condições de atender às solicitações adicionais da nova gestão [do instituto]. O novo Ibama é melhor, mais consciente. Não sou eu que vou dizer que o Ibama não serve ou que está fazendo mal ao país. É um discurso que outros podem fazer, eu não.

Valor: *Como foi a conversa com a ministra Marina Silva?*

Prates: Tivemos uma conversa de ambientalista para ambientalista. Tenho mestrado em gestão ambiental, sei como é um licenciamento. Disse a ela que quero conciliar uma situação que herdamos, e acrescentei: "Será que conseguimos lhe dar garantias de que pelo menos a perfuração prospectiva do poço, para dizer se tem óleo no local, pode ser feita agora?" Se não der, tá bom. Vamos fazer outra coisa com essa sonda. Ninguém feriu a lei com o que está sendo feito [no Amazonas]. Houve uma portaria conjunta [dos ministérios de Minas e Energia e do Meio Ambiente] que supriu ou dispensou a necessidade da AAAS [Avaliação Ambiental da Área Sedimentar] para a licitação desses blocos. A portaria é de 2012 e, em 2013, houve o leilão, alguém foi lá e arrematou. Depois a Petrobras comprou o bloco, que é uma concessão federal. Temos compromisso com a Agência Nacional do Petróleo [ANP] de perfurar um poço. A licença não tem que ser dada a qualquer custo, mas é nosso dever recorrer. Houve uma negativa com condicionantes e estou dizendo que conseguimos atender a essas condicionantes.

Valor: *A AAAS é de responsabilidade de quem, afinal?*

Prates: A AAAS é uma conquista da ministra Marina na época do governo Dilma [Rousseff]. A AAAS é como se fosse um estudo regional, não é microlocalizado, um poço de um lugar específico. É como eu uso os recursos naturais de uma bacia sedimentar inteira. A Foz do Amazonas é a projeção mar adentro, é mais um conceito geológico do que geográfico. Se batizou assim porque é ali, mas [a extensão] é bem mais ampla. A AAAS vai dizer qual segmento pode ter um licenciamento de cada grau, onde precisa mais cuidado e onde não vai ter licença. O AAAS serve para setorizar uma grande área e dizer o que pode e o que não pode fazer ali.

Valor: *Mas, a quem cabe fazer?*

Prates: Ao Ministério de Minas e Energia, segundo a portaria, com o Ministério de Meio Ambiente. Não tem nada a ver com a Petrobras. É uma coisa que tinha que ter precedido a licitação do bloco. A Petrobras e outras empresas só entrariam nas áreas liberadas.

Valor: *A Petrobras tem expectativa de prazos para obter a licença?*

Prates: Não, porque o órgão ambiental não tem prazo. O Ibama vai tomar a decisão em cima do recurso. Podem pedir mais exigências, dar a licença agora ou manter o indeferimento. O Ibama pode dizer que não vai licenciar por enquanto, propor prazo para a realização da AAAS. Mas não vai levar seis anos, a ministra Marina me disse que pode ser feita em 2,5 anos.

Valor: *A Petrobras fará oferta por bloco na Margem na Guiana?*

Prates: Estamos adquirindo dados, não posso adiantar se vamos 'bidar'. Mas é uma decisão independente daquela do Ibama. Não é uma vendeta: 'Ah eu vou pra lá, se não der aqui.' É conhecimento da geologia de toda a região, estamos atrás de repor reservas.

Valor: *Mudando de assunto, há críticas sobre o enfraquecimento da governança da Petrobras, em parte devido ao papel do Ministério de Minas e Energia no conselho da empresa. Como recebe as críticas?*

Prates: O conselho é soberano, não posso comentar. O país precisa decidir se tem ministério [de Minas e Energia] ou não. Se é para ter, prefiro ter o ministro como presidente do conselho [da Petrobras], como era antes. Na diretoria-executiva não há movimento para diminuir governança. Ela [a governança] é boa, ajuda, numa empresa de economia mista, a não ter ingerências indevidas. Não tem uma pessoa na gerência e na diretoria que tenha sido imposta a mim por qualquer político ou alguém de Brasília. O presidente Lula me deu liberdade de fazer a diretoria. São técnicos reconhecidos no refino, na logística, na exploração e produção. Todos têm currículo.

Valor: *Por que nomear um ex-assessor de Nestor Cerveró, implicado na Lava-Jato, na diretoria jurídica?*

Prates: Ele [Marcelo Oliveira Melo, advogado-geral da companhia] não foi criminalizado, investigado, nada. Ele tinha um escritório de advocacia quando saiu da Petrobras, alguém ligou do Uruguai para ele, fez uma pergunta se poderia criar uma pessoa jurídica brasileira, não uma offshore, que tinha, por sua vez, participação de uma offshore. Anos depois a Lava-Jato encontrou offshores que eram do Cerveró. Era uma offshore para alugar um apartamento dele, negócio de planejamento tributário.

Valor: *Não haveria outros advogados para o cargo na Petrobras?*

Prates: O cara [Melo] foi meu chefe, tenho relação pessoal. Ele não é corrupto, nem ajudou corrupto. Insisto, não é acusado de nada. É uma pessoa que conheci no começo da minha carreira, foi meu primeiro chefe na Petrobras. E foi quem primeiro chamei quando Lula falou de eu assumir a Petrobras. Liguei pro Marcelo e disse: 'Preciso que você vá comigo.' E minha nomeação direta. Ele passou [para assumir o cargo] por todas as instâncias de governança e não houve nada contra ele.

Valor: *O senhor é a favor de mudanças na Lei das Estatais?*

Prates: Faria mudanças pontuais. Estou aqui sem ferir nada da lei original. As dúvidas que existiam, no meu caso, foram sanadas, se relacionavam ao fato de eu ter sido candidato a prefeito em Natal [RN]. A lei veta dirigente partidário [nas estatais]. A mudança que eu faria como legislador seria [vetar] dirigente partidário responsável pela aprovação de contas de campanha ou pela definição de candidatos, algo específico.

Valor: *Vai estatizar a Braskem?*

Prates: Não, que termo é esse?! Isso é governo Chávez [Hugo Chávez, ex-presidente da Venezuela]. Vamos trabalhar dentro da regra do mercado de ações. Posso vender e comprar, estamos observando e não podemos dizer o movimento que vamos fazer. Não faremos nada que não seja interessante para a Petrobras.

Valor: *A Petrobras poderia voltar ao segmento de distribuição?*

Prates: Não sei. Vai voltar a ser uma empresa de postos se está indo para a transição energética? Queremos chegar perto do consumidor de novo. Como fará, se vê Vibra [ex-BR Distribuidora] ou através de distribuidora nova, criando nova configuração, [será preciso analisar].

Valor: *Vai rever o acordo com o Cade para a venda de refinarias?*

Prates: Tenho a expectativa que, sem litígio e consensualmente, a gente desfaça esse acordo.

LEO PINHEIRO/VALOR

LEO PINHEIRO/VALOR

"Por que tenho que dar transparência? Sabe como o McDonald´s faz o preço do sanduíche?"

LEO PINHEIRO/VALOR

"Marcelo Melo não é acusado de nada, foi quem primeiro chamei quando Lula me escolheu"

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Empresas **Caderno:** B **Pagina:** 4

Copyright © Clipclap 2025.